

# **Uma Análise Introdutória de Anáforas no Processo da Referenciação na língua Guineense**

Orientando: Midana Cá

Orientador: Roque Nascimento Albuquerque

## **Resumo:**

O presente estudo versa sobre “Anáforas nos Processos da Referenciação no Guineense” tendo em vista a carência das descrições linguísticas da referida língua. Assim, a pesquisa objetiva descrever as anáforas na língua guineense para as possíveis fontes de investigações e contribuições teóricas no meio científico, bem como para possível consulta no que diz respeito ao ensino-aprendizagem do guineense. Destarte, tomamos Koch (2004; 2009), Cavalcante, Filho e Brito (2014) e Neves (2013) para conceituar alguns termos e discutir algumas questões, sendo assim, essas obras são as bases teóricas para as descrições das anáforas no guineense. Metodologicamente, o trabalho é de abordagem qualitativa com bases nos/as estudos/pesquisas bibliográficos/as e análises de pequenos textos, descrevendo alguns elementos anafóricos do guineense. Considerando que o guineense ainda carece das discussões e descrições, debatemos e descrevemos os referentes textuais anafóricos. Esta pesquisa, portanto, visa contribuir como fonte de obtenção de alguns esclarecimentos e algumas informações na área da linguística para possíveis pesquisas.

**Palavras-chaves:** Anáforas; Processo referencial; Língua Guineense.

## **Abstract**

The present study deals with "Anaphora in referential processes in Guinea language" in view of the lack of linguistic descriptions of that language. Thus, the research aims to describe the anaphora in the Guinean language so of the possible as sources of investigations and theoretical contributions in the scientific environment, as well as for possible consultation regarding the teaching-learning of the Guinean. Therefore, we took Koch (2004; 2009), Cavalcante, Filho and Brito (2014) and Neves (2013) to conceptualize some terms as wells as to discuss some issues, since these works are the theoretical foundation for the descriptions of the anaphora in Guinean language. Methodologically, the work is qualitative following the bibliographic studies/research and analysis of small texts, describing some anaphoric elements of Guinean language. Considering that the Guinean language still lacks the discussions and descriptions, we debate and describe the anaphoric textual referents. This research, therefore, aims to contribute as a source of obtaining some clarifications and some information in linguistics for possible research.

**Key-words:** anaphora; referential processes; Guinean language.

## 1. Introdução

O presente estudo intitulado “Uma Análise Introdutória de Anáforas no Processo da Referenciação na língua Guineense” objetiva descrever os processos anafóricos na língua guineense para possíveis fontes de investigações e aportes teóricos no campo científico. A vista disso, investigamos como se materializam as anáforas no ato discursivo da língua guineense, assim como descrevemos essas materialidades linguísticas textualmente na língua guineense; mas, para isso, fizemos recortes teóricos das anáforas de processos referenciais, tendo em vista que elas podem ser descritas/analizadas/estudadas/investigadas sob múltiplas áreas, como na Linguística de Texto, Argumentação, Nova Retórica, Enunciação, etc..

Tendo em vista a exigência científica e suporte para as discussões e descrições no presente estudo, são tomadas as seguintes obras para fundamentação teórica: Koch (2004; 2009), Cavalcante, Filho e Brito (2014) e Neves (2013). Desse modo, Marconi e Lakatos (2003; 2016) argumentam que um trabalho científico não contribui para exclusão dos outros, todavia, uma produção acadêmica é um trabalho cujas atividades sistemáticas e, conseqüentemente, permitem ao pesquisador chegar num determinado objetivo.

Destarte, metodologicamente, o trabalho é de abordagem qualitativa com bases nas discussões bibliográficas e análises de pequenos textos, descrevendo alguns elementos anafóricos do guineense, ou seja, descrevemos os itens linguísticos, juntamente, com a fundamentação teórica. E, para concretude das descrições linguísticas dos elementos textuais por excertos, tomamos seguintes objetos: “Transcrição de Filme olhos azuis de Yonta por Flora Gomes (1992); Bíblia escrita no guineense por Sociedade Bíblica na Cotê d’Ivoire (1998); Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau por Hildo Honório Do Couto e Filomena Embaló (2011)”. O cunho deste trabalho, quanto à natureza, é a pesquisa aplicada, porque busca produzir conhecimento para aplicação prática da resolução de problemas específicos (PRODANOV e FREITAS, 2013), a saber: falta da descrição linguística no guineense e carência de discussões acerca dos fenômenos linguísticos no guineense.

Diante disso, o trabalho pode ser considerado, no que tange aos objetivos, de pesquisa descritiva, pois ela demanda as descrições de fatos e fenômenos linguísticos, como serão demonstrados nas análises dos processos referenciais na língua guineense. E, com relação aos procedimentos técnicos, argumentamos que é uma pesquisa de cunho bibliográfico, porque parte dos trabalhos (artigos, livros e outros textos) para embasar as discussões teóricas deste estudo, como argumenta William (2007), o qual aduz que a pesquisa bibliográfica é recuperação

do conhecimento científico acumulado sobre um problema ou fenômeno. Tomando as bases teóricas, discutimos e descrevemos os fatos observados linguisticamente, destarte, podemos dizer que esta pesquisa é descritiva e qualitativa, porque não temos a preocupação de trabalhar com estudos numéricos, mas, sim, trabalhar com as informações ou conteúdos selecionados que foram adequados para embasar este trabalho (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Considerando que o guineense ainda carece das discussões e descrições linguísticas, discutimos e descrevemos os referentes textuais no guineense, possibilitando os pesquisadores e futuros pesquisadores da área um caminho rumo às análises textuais, pontuando as funcionalidades destes itens linguísticos. O trabalho também pretende contribuir como fonte de aquisição de informação para possíveis inquéritos. É pertinente pontuar que a língua guineense é a língua falada pela maioria da população guineense. Sendo assim, presumimos que a língua mencionada será oficializada um dia e adotada como língua de investigação científica. Diante disso, entendemos que há necessidade de trabalho como este para promoção e sistematização dos fenômenos linguísticos guineenses.

## **2. Referenciação: Referência, Referente e Expressão referencial**

O postulado teórico defendido de referenciação neste trabalho, é de uma atividade discursiva na construção e reconstrução de objetos-de-discurso; assim, pode ser entendida como um aspecto amplo dos elementos designadores. Desse modo, todos os mecanismos da progressão referencial são baseados em algum tipo de referenciação. Nesse sentido, Koch (2004) estabelece a relação de subordinação hierárquica entre a retomada (implica remissão e referenciação), remissão (implica referenciação e não implica remissão necessariamente retomada) e referenciação (não implica remissão pontualizada nem retomada). Tendo noção de referenciação, pode-se estabelecer, primeiramente, que a ‘referência’ é, sobretudo, operações feitas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, também concebida pelo significado linguístico; em segundo lugar, há o que se chama de ‘referente’, considerado objeto mental e cultural que não necessariamente está ligado pela linguística (mas também pelo item extralinguístico); por fim, entende-se que ‘expressão referencial’ é aquela que introduz e pode ser referenciada. Considerando que o trabalho pretende descrever os aspectos da referenciação, não serão abordados todos elementos<sup>1</sup> da linguística textual, contudo, pretende-se desenvolvê-los em futuros trabalhos. Assim, começa-se a discutir/descrever a introdução referencial no guineense.

---

<sup>1</sup> Tais como: (re)categoria(ção), (re)focalização, organização macroestrutura, orientação argumentativa, categorização metaenunciativa, etc..

### 3. Introdução Referencial na Língua Guineense

Entende-se por introdução referencial um fenômeno linguístico que ocorre como um objeto de discurso, ou referente. Isso se dá pelo modo ‘evidencial(ismo)’ no (co)texto, através do emprego de um/uma referente/expressão referencial que ainda não é inaugurado/a anteriormente (CAVALCANTE, 2014). Por outro lado, Koch (2004; 2009), argumenta que a introdução referencial é um objeto-de-discurso introduzido pela primeira vez no texto, ou seja, é um objeto textual até então não mencionado. Para Antunes (2017), esse fenômeno, ainda conhecido por ativação, consiste em falar pela primeira vez em determinada coisa, isto é, introduzir ou categorizar um referente textual como se lê no “Texto e gramática” de Neves (2013). Por fim, entendemos que operador de ativação ou introdução referencial pode conter subpartes, entre as quais estão a ativação ancorada e não ancorada. No dizer de Koch (2004; 2009), um objeto-de-discurso pode ser considerado não ancorado quando for introduzido pela primeira vez no texto, ou seja, ele é totalmente novo no texto, como introduzido sem a informação dada, passa-se a ser ativado na memória de coenunciador, semelhante a um “endereço cognitivo”. Já a ativação ancorada é entendida como novo objeto-de-discurso introduzido no texto, sob o modo do dado, ou seja, baseia-se nalgum tipo de associação com elementos que estão presentes no cotexto ou no contexto ‘sociocognitivo’.

A introdução referencial dá-se pela primeira vez no texto e pode-se dividir em duas partes: não ancorada (processo que se dá pela primeira vez no texto, sem inferências aos outros elementos de contextos cognitivos ou fenômenos co-textuais) e ancorada (introdução que se dá perceptível pelos indícios de co-texto ou contexto cognitivo). Assim, exemplificamos com textos para melhor os identificar:

Texto-01<sup>2</sup>: “*Salmu* pa ngaba *Deus*

*Abos*, tudu jintis di mundu,

bo kanta ku alegria pa *SIÑOR* (...)

*el* ku kumpunu; *no* sedu del.

No sedu si pobu, *karnel* ki ta bakia.

Bo yentra na si portons ku gardisimentu,

Bo ngabal ku *inus* ora ku bo na yentra na si kasa.

Bo gardisil, bo fala bem di si nomi.

Pabia *SIÑOR* i bom;

si amor ka ta kaba.

El i fiel pa kada *manjuandadi*, pa tudu sempri<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> Sociedade Bíblica na Cotê d’Ivoire (Org.). Bíblia no Criolo da Guiné-Bissau. Abidjan 01, Cotê d’Ivoire, 1998. [Salmus 100]

<sup>3</sup> Hino de louvor/vocês, todas as pessoas do mundo,/cantem com alegria ao SENHOR./ Ele nos fez;/[E] somos d’Ele./Somos o povo d’Ele./ [e] rebanho do seu pastoreio./Entrem por suas portas com ações de graça,/ louvem-no com hinos quando estiverem entrando./Agradeçam-no,/ [e] bendigam o seu nome./ Porque o SENHOR é bom,/ [e] seu amor dura para sempre./ Ele é fiel para sempre de geração em geração.

No texto acima, há vários elementos textuais que são introduzidos no texto, como léxicos em destaques por negrito e itálicos, além de estarem presentes como operadores de ativações; outros se figuram como ativadores não ancorados e outros como ancorados. Observamos que as expressões “Salmu, Deus e abos” figuram-se como elementos de introduções referenciais e têm os papéis de ativações não ancoradas, porque é pela primeira vez que aparecem no texto.

Os operadores de ativações não ancoradas, como “salmu” e “Deus”, são introduzidos ao texto pela primeira vez no título, apesar de aparecerem como expressões recategorizadas. Contudo, já estão presentes no título como categorias inauguradas por manifestar linguisticamente, ou seja, referentes que poderão ser recategorizados. Já a expressão “abos” é introduzida no texto sem nenhuma inferência à outra expressão anterior presente no co-texto ou contexto sociocognitivo, por isso, ela pode ser reconhecida por um referente novo não ancorado. Deve-se considerar que essas expressões poderão servir para uma âncora, ou não, das futuras retomadas do mesmo objeto-de-discurso no texto.

Já as expressões como “SIÑOR, el, manjuandadi, karnel e inus” são operadores de ativações ancoradas no texto, isto é, são introduzidas no texto através de alguns fenômenos no co-texto e contexto sociocognitivo, logo, podem ser vistas como dêixis, porque a expressão “SIÑOR” foi mencionada pela primeira vez no texto e recategoriza, em certo sentido, a expressão “Deus”. O mesmo acontece com operador de ativação “el” que ancora a mesma expressão (Deus). Essa ancoragem pode ser vista também na expressão “inus” e “karnel” que fazem alusões a alguns elementos presentes no co-texto.

Além dos fenômenos introdutórios de texto analisados, pode-se observar outros processos de introduções referenciais que são ‘rótulos’ e podem ser ‘prospectivos’ e ‘retrospectivos’. Rótulos, chamados de nominalizações, estão entre os casos de introdução ancorada de novos objetos-de-discurso; em outros termos, o ‘rótulo retrospectivo’ pode ser entendido como referente que sumariza a informação precedente; o ‘prospectivo’, por sua vez, é aquele que sumariza a informação subsequente. Os rótulos serão aprofundados num futuro trabalho.

Dando continuidade às análises desses fenômenos textuais, apresentamos um texto, a seguir, para ver os mesmos fenômenos que foram analisados anteriormente, como se figuram na letra da música, compositor e cantor Binhan.

Texto-02<sup>4</sup>:

“**Amor** Só Amor

No tene amor, no tene *rikeza*

No tene **beleza**, no tem tudu

No tene tudu kun *terra* misti

Pa da si **povu**

No tene *mindjeris*, no tem *jovens*

Jovens balentis ku djiresa

*Kriansas* tudu xei di amor

A-bo I nha terra **Guiné** na kantau (...)<sup>5</sup>

O texto acima apresenta algumas operadoras de ativações não ancoradas, entre elas: “amor, rikeza, beleza, terra, midjeris, jovens, kriansas”. Essas expressões são inauguradas como referentes novos no texto. Já as expressões “povu, Guiné” são operadores de ativações ancoradas no texto, isto é, são introduzidas no texto através de alguns fenômenos no (co)contexto sociocognitivo. A expressão “povu” foi mencionada pela primeira vez no texto, como ocorre com a operadora de ativação “Guiné”, que ancora a expressão “terra” num dos versos anteriores. Por fim, a expressão “tudu” sumariza as outras categorias que são: “amor, rikeza, beleza”, inclusive elementos não mencionados cotextualmente. Logo, e, por um lado, tem-se um processo chamado de rótulo retrospectivo (anáfora ecapsuladora, porque sumariza elementos não mostrados no cotexto). Assim como há rótulo prospectivo e dá-se no texto por expressão “jovens” que encapsula o verso a seguir: “jovens balanti ku djiresa”. Tendo demonstrado a funcionalidade das introduções referenciais na língua guineense, em seguida, passemos a discutir como se dá anáforas correferenciais na referida língua.

#### 4. Anáforas

Nos estudos da LT há diversos tipos de anáforas que fazem as retomadas das introduções referenciais. Entende-se por anáforas quaisquer situações que dão a continuidade referencial (CAVALCANTE, 2014). Ainda, as anáforas também são chamadas de retomadas, porque são os processos responsáveis pela manutenção de um referente em foco, dando origem às “cadeias referenciais” ou coesivas nos textos (KOCH, 2009).

Em outras palavras, anáfora é inaugurada no texto para dar continuidade e fazer a manutenção das expressões já introduzidas no texto, ou seja, são elementos textuais que fazem

<sup>4</sup> QUIMOR, Binham. Amor só amor. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/binhan/amor-so-amor/>. Acesso em: 19/11/2020.

<sup>5</sup> “Amor só amor/ Temos amor, temos riqueza/ temos beleza e tudo/ temos tudo que uma terra precisa/ Todas as crianças cheias de amor/ Para dar ao seu povo/ Temos mulheres, temos jovens/ Jovens forte com sabedoria/ Você é a minha terra Guiné vou cantar.

uma retomada tanto de uma forma direta quanto de uma forma indireta, possuindo propriedade muito comum que é a de manter uma referência. Como se entende que há diversas anáforas, para isso, apresenta-se a seguir algumas delas.

Texto-03<sup>6</sup>:

“omi ku disvia di kaminhu di ntindimentu **i na bai** diskansa junto ku mortus. **Kil** ku ama kusas

di mundu **i na bida** koitadi; **kil** ku gosta di biñu ku azeiti nunca **i ka na riku.**”<sup>7</sup>

No exemplo acima, tem-se várias expressões que são inauguradas no texto para retomarem os elementos já presentes nele, ou seja, para retomarem as introduções referenciais presentes no texto foram introduzidos alguns elementos anafóricos. As expressões contidas no exemplo-03, as quais podem ser consideradas de anáforas, são: “i na bai, kil, i na bida, kil, i ka na riku”. Esses referentes apontam para uma introdução referencial “omi”. Agora, passa-se para estudo de anáfora correferencial que é uma das subpartes de anáfora, pois, como foi dito anteriormente, há vários tipos de anáforas.

## 5. Anáforas Correferenciais

Como já foi exposto, a anáfora é um referente que retoma outro referente já introduzido no texto. Ademais, toda anáfora tem a propriedade de manter uma referência no texto, e ela é a expressão que contribui para continuidade/manutenção textual. Em seguida, descrevemos as anáforas diretas.

Entende-se por anáfora correferencial como sendo o referente que retoma a mesma expressão que já foi inaugurada como “introdução referencial” no texto/discurso. Essa anáfora é conhecida de “anáfora correferencial ou direta” (CAVALCANTE, 2014). Para Koch (2009), esse fenômeno textual chamado de anáfora direta pode ser realizado por meios de recursos linguísticos e de ordem gramatical, tais como: pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos e retomados correferenciais, que podem ser realizados por intermédios de recursos de ordem lexical, como reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais, etc.. Ainda nos dizeres de Cavalcante (2014), a anáfora direta pode passar ou não por um processo de recategorização, ou seja, quando se diz que um referente pode passar por

<sup>6</sup> Sociedade Bíblica na Cotê d’Ivoire (Org.). Bíblia no Criolo da Guiné-Bissau. Abidjan 01, Cotê d’Ivoire, 1998. [Dt. 21:16-17]

<sup>7</sup> Homem que se desvia do caminho do entendimento repousará juntos dos mortos. Aquele que ama prazeres deste mundo acabará na pobreza; aquele que gosta do vinho [com azeite] nunca ficará rico”.



recategorização significa que o referente anafórico muda e constrói novo referente anaforicamente, pois anáfora correferencial não passa por recategorização; é o mesmo que dizer que um referente é retomado pela mesma expressão.

Conforme as pesquisas das autoras mencionadas anteriormente, pode-se afirmar que a anáfora correferencial é aquele processo que os elementos textuais retomam diretamente aos referentes introduzidos e esses podem ser recategorizados ou não. Por outro lado, essas anáforas dão-se pela ordem da materialidade textual dos elementos gramaticais, como pronomes, elipses, numerais, advérbios locativos e por intermédio de recursos de ordem lexical (reiteração de itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, expressões nominais, etc.). De agora em diante, apresentamos usos dessas anáforas na língua guineense:

### *Repetição de mesmo item lexical*

Texto-04<sup>8</sup>:

“**Salomon pурсenta sakrifisius**  
**Salomon**, fiju di rei Davi, i forti-  
 fika si renansa; SIÑOR si Deus  
 staba ku el, i garandisil.

**Salomon** papia ku tudu Israel, ku  
 kapitons di mil ku di sem, ku  
 juisis, ku tudu šefis ku sta na Israel, ku šefis di família.  
 9”

Considerando o texto- 04, percebe-se que as retomadas podem acontecer pelo mesmo item lexical. Sendo assim, a expressão nominal retoma o mesmo item lexical, como se verifica na introdução do léxico “Salomon” que é retomada pela mesma expressão duas vezes. Contudo, nem todas as retomadas dão-se por meio desse processo, por isso, será exposto à frente como se dão diferentes processos anafóricos, todavia, alguns poderão ser tratados num trabalho futuro, como as ativações que se dão por meio de sinônimos, pronomes relativos, hiperônimos/hipônimos, Anáfora especificadora (hiperônimo/hipônimo), pronomes indefinidos, pronomes interrogativos, números cardinais, números ordinais, nomes genéricos, expressões nominais indefinidas e outros. Em seguida, apresentamos as anáforas por meio de uso de pronomes pessoais.

<sup>8</sup> Sociedade Bíblica na Cotê d’Ivoire (Org.). Bíblia no Criolo da Guiné-Bissau. Abidjan 01, Cotê d’Ivoire, 1998. [2-Kron. 1:1-2].

<sup>9</sup> Salomão apresenta sacrifícios/ Salomão, filho do rei Davi, fortaleceu-se no seu reinado; SENHOR, seu Deus, estava com ele e o engrandeceu./ Salomão falou a todo Israel, aos capitães de mil e de cem, aos juízes, a todos os chefes que estava no Israel, e aos chefes da família.

### *Uso de pronomes pessoais*

Texto- 05<sup>10</sup>:

“**Davi ngaba Deus**

Tudu ku sta na seu ku terá i di **bo**.

**Abo**, SIÑOR, i garandi;

Renu i di **bo**, SIÑOR; **abo** i

**bu ten** puder ku rispitu ku vitória;

kabesa ku sta riba di tudu.”<sup>11</sup>

**abo** i Rei gloriosu.

Os processos anafóricos que se dão no texto acima foram realizados por intermédio de formas pronominais, porque retomam um referente por pronomes pessoas de caso reto (elipse de “abo” na conjugação “bu tem”) e pronomes oblíquos tônicos (bo). As expressões “abo” em negrito retomam à introdução referencial “Deus” no título de texto. Em vez de repetir referente “Deus” como expressão anafórica, foi substituído item “Deus” pelos pronomes que participam da continuidade textual. Por outro lado, os pronomes oblíquos tônicos foram introduzidos no texto para retomar o referente “Deus” e isso acontece para que a construção por repetição da expressão “Deus” não torne os enunciados agramaticais, sendo assim, tanto pronomes oblíquos átonos quanto pronomes do caso reto têm funções neste co-texto/contexto de continuidade e manutenção textual. Lembrando que os pronomes oblíquos tônicos presentes nesta sessão serão tratados no subtópico “outros pronomes”, porque podem ser confundidos com pronomes pessoais do caso reto, por isso, foram identificados e pontuados neste exemplo.

### *Elipse*

Texto-06<sup>12</sup>:

Vicenti, Didi **bu** bin, no disdjau ba dja, **bu** ciga nan na ora, kuazi **bu** salban nha vida.

**U** na bai kasa aos?

Na djubi si Na pudi bai, fala u papa pa i purpara dama na bin parel.

**U** ka misti pa ndjudau ntrega karta?

Nau obrigado, ami propi na ntrega elis.”<sup>13</sup>

<sup>10</sup> Sociedade Bíblica na Cotê d’Ivoire (Org.). Bíblia no Criolo da Guiné-Bissau. Abidjan 01, Cotê d’Ivoire, 1998. [1-Kron. 29:11]

<sup>11</sup> Davi louva a Deus/ Tu, SENHOR, és grande;/ Tens poder, respeito e vitória/ Tu és Rei glorioso./ tudo que há no céu e na terra é teu./ Reino é teu, SINHOR; Tu és cabeça que está acima de tudo.

<sup>12</sup> Trecho do filme de Flora Gomes intitulado Udju azul di Yonta (Olhos azuis de Yonta), Paris (1992) [Transcrição nossa].

<sup>13</sup> “Vicente, você veio! Estávamos com saudades [e] chegou à hora, quase salvou minha vida (...)/ Vá para casa hoje?/ Vou ver se consigo, diga ao seu pai para preparar dama, irei para ele./ Não queira que lhe ajude a entregar a carta?/ Não, obrigado. Eu mesmo vou entregá-las. [nossa tradução]”

A elipse é entendida, nos estudos gramaticais, como um termo usado para classificar uma sentença, oração ou parte da sentença, itens lexicais e segmentos fônicos que foram omitidos, e isso pode se dar por questões de parâmetros da língua, por economia linguística, estilo, ênfase ou outras razões, podendo ser percebida a partir do contexto, (CRYSTAL, 1988; e DUBOIS et al, 1997-98).

Observa-se no texto acima algumas omissões presentes que fazem menção ao substantivo nominal “Visenti”, que são usos de “partículas pronominais bu”, assim como aparece em outro momento de texto com alguma perda fonética. Para isso, vê-se outros referentes anafóricos presentes como “u” que é uma das variantes da marca de segunda pessoa do singular. As expressões “bu e u” são “partículas” que acompanham pronomes pessoas da segunda pessoa do singular na conjugação verbal, no caso “abo”; também podem ser entendidas cognitivamente por retomarem a uma terceira pessoa de singular. Portanto, esses referentes são figurados como anáforas ao referente “Visenti”.

#### *Uso de outras formas pronominais*

Texto- 07<sup>14</sup>:

“Jesus fala tambi si disipulus: “i tenba um omi riku ku tene nkargadu, ke bin *kontal* kuma *i na gastal* kusas. Patron *comal*, *i puntal*: ‘es i ke ku N na obi di **bo**? *N na fasiu* balansu, *N na tirau* na tarbadju.’ “Nkargadu punta na si sintidu: ‘Ke ku na N na fasi suma ku ña patron na *tiran* na tarbaju? N ka ten forsa pa koba con; N ten borgoña di pidi simola (...)’<sup>15</sup>”.

As retomadas identificadas como outros pronomes são os que vêm nos verbos pronominais, isto é, são pronomes oblíquos átonos “kontal, gastal, comal, puntal, fasiu, tirau, tiran” e pronomes oblíquos tônicos “bo”. Percebe-se no cotexto sociocognitivo que “l”, “u” e “n” funcionam como pronomes oblíquos átonos que retomam expressões nominais já introduzidas no texto; como exemplo, as expressões “kontal” e “gastal” no texto incluem pronomes que retomam o referente “omi riku”, quer dizer, as partículas “l” retomam a expressão “omi riku”, já “comal” e “puntal” retomam ao referente “nkargadu”; isto é, partículas “l” são os pronomes retroativos à expressão “nkargadu”. Também se observa que “fasiu” e “tirau” funcionam como anáforas ao referente “nkargadu”; em outras palavras, as partículas “u” são os

<sup>14</sup> Sociedade Bíblica na Cotê d’Ivoire (Org.). Bíblia no Criolo da Guiné-Bissau. Abidjan 01, Cotê d’Ivoire, 1998. [lukas 16:1-3].

<sup>15</sup> “Jesus também disse aos seus discípulos: “Havia um homem rico que tinha um administrador. [um dia], foi informado que estava a gastar os seus bens. O dono chamou-o, [e] lhe perguntou: ‘Que é isto que ouço a teu respeito? Vou prestar-lhe a conta, [e] não vai ser mais o meu administrador?’. “Administrador perguntou a si mesmo: ‘o que farei como o meu patrão irá me demitir do trabalho? Não tenho como trabalhar na terra; tenho vergonha de mendigar...”

pronomes anafóricos à expressão “nkargadu”. Por fim, entendemos a anáfora pronominal em “tiran”, que retoma implicitamente ao pronome pessoal do caso reto, como perceptível no cotexto sociocognitivo. Antes de passar para outros tipos de anáforas como as indiretas, apresentamos anáforas adverbiais, porque são retomadas construídas por advérbios.

### *Advérbio*

Texto- 08<sup>16</sup>:

José tambi i sai di tabanka di Nazaré, na tera di Galileia; i bai pa tera di Judeia, pa tabanka comadu *Belen*, **nunde** ku Davi padidu nel, manera ku José seduba di jorson di Davi.”<sup>17</sup>

Nas literaturas gramaticais, os advérbios são considerados modificadores de verbo, adjetivo, de outro advérbio ou oração (no caso, são alguns advérbios). Além dessas funções, há outras que atribuem sentidos aos termos aos quais fazem referência, como: negação, dúvida, causa, lugar, modo, tempo, afirmação, etc.. No texto apresentado, será observado o processo anafórico por advérbio. Considerando análise feita, constatamos que o texto-08 apresenta a retomada adverbial “nunde” que substitui/retoma o substantivo “Belen”.

Nesta sessão, foram discutidas e analisadas a partir de textos as anáforas diretas inauguradas textualmente. Além disso, observamos que as retomadas podem ocorrer nos enunciados por diversas classes gramaticais ou itens gramaticais. Também podem assumir o papel de substituir e dar continuidade textual, de reconstruir categorias textuais e apontar para referente inaugurado no texto. Nas seguintes sessões, traremos abordagens sobre as anáforas indiretas e encapsuladoras.

## **6. Anáforas indiretas**

Na sessão anterior, foram estudados diversos processos, nos quais se dão as anáforas correferenciais. Essas retomadas podem ser recategorizados ou não e retomam o mesmo referente. Já as anáforas indiretas, por sua vez, não recategorizam e não retomam exatamente o mesmo referente (CAVALCANTE,2014). Tomando a perspectiva dessa autora, as anáforas não correferenciais são objetos que aparentemente introduzem uma entidade “nova” no texto; na verdade, não só introduzem, como remetem a outros objetos expressos no cotexto, ou são

<sup>16</sup> Sociedade Bíblica na Cotê d’Ivoire (Org.). Bíblia no Criolo da Guiné-Bissau. Abidjan 01, Cotê d’Ivoire, 1998. [2-Kron. 1:1-2].

<sup>17</sup> “José também saiu da aldeia de Nazaré, terra da Galiléia; e foi para terra da Judéia, aldeia chamada Belém, onde Davi nasceu, como José era da tribo de Davi.”

elementos que remetem pelas pistas cotextuais de qualquer espécie que podem ser associados e permitir ao coenunciador inferir essa entidade. Para Apothéoz e Reichler-Béguelin (1999, apud CAVALCANTE, 2002), esses tipos de anáforas podem ser entendidos por percepções situacionais do comportamento cinético (gestos, direção do olhar, mímica). Cavalcante (2002) argumenta que essa recuperação do referente implícito acontece mais pelo conhecimento compartilhado do que pelo elemento da situação comunicativa, isto é, os elementos trazidos no cotexto não são suficientes para estabelecer a fonte retomada.

Percebe-se que as anáforas indiretas são identificadas pelas informações fornecidas no cotexto, ou pelas âncoras que engatilham outras informações/expressões referenciais, ou construções linguísticas cotextualmente e informações agregadas por conhecimentos de quem participa dessa enunciação. Por outro lado, pode-se dizer que essas retomadas podem ser perceptíveis pela potencialidade de conhecimento do mundo; não necessariamente as informações trazidas no cotexto. Em outras palavras, podem ser informações compartilhadas/adquiridas fora do cotexto discursivo.

As anáforas não correferenciais podem remeter às três espécies de fonte, dos quais: “âncora, desencadeador ou engatilhador” (CAVALCANTE, 2002). Assim, a autora definiu essas espécies de fontes das seguintes formas: “âncora” é o que se entende por pontualmente identificável no cotexto por associação; b) “desencadeador” é entendido como não-pontualmente identificável no cotexto, ou seja, é implícito, porém evidente ou notório na situação comunicativa e recuperável pelos conhecimentos compartilhados dos interlocutores; c) “engatilhador” é não-pontualmente identificável, todavia, engatilhada por diversas pistas do cotexto, esses ajudam a redefinir objeto por esquemas mentais ativados durante a enunciação, assim se constrói as ligações para aquela interpretação.

Neves (2013) e Cavalcante (2002) convergem em dizer que anáforas indiretas podem ser chamadas de associativas. Para Neves (2013), a anáfora associativa é aquela que introduz um referente como conhecimento que ainda não foi explicitamente mencionado no contexto, porém pode ser evidenciada por relação contextual ou identificada com base em informação introduzida no universo de discurso que se configura por outra pista disponível no contexto. Por outro lado, Cavalcante (2002) afirma que anáforas associativas podem ser identificadas quando elas e as fontes forem firmadas com âncoras explícitas e pontuais no cotexto. Além dessa anáfora, a última autora argumenta que há outras anáforas denominadas de não-associativas. Essas, por sua vez, são aquelas que só poderiam ser construídas implicitamente,

porque há de ter ausência de uma fonte contextual pontualmente localizável. A seguir, apresentamos algumas delas:

#### *Anáforas associativas meronímicas*

Essas são os referentes anafóricos que aparecem por subordinação à entidade da expressão anterior e isso se dá só quando há parte das ocorrências desse antecedente, caso contrário, não podem ocorrer tais processos anafóricos. Em outras palavras, entende-se que essa anáfora reside no estatuto semântico do nome nuclear anafórico que é marcado por critério semântico como “parte-de”. Exemplificando isso:

Texto- 09<sup>18</sup>:

“-Nha kamara! Nunde ku bu na bai.

-Na bai biumbu.

-Fala nhu António pa i lebau.

-Karu dana ku el. **Kaminhu** ka bali (...)<sup>19</sup>

No texto acima, há expressão que se apresenta num dos enunciados como “anáfora associativa meronímica” que é “kaminhu”, porque esse referente depende da entidade “karu” e retoma-o numa forma indireta. As anáforas indiretas também podem ser associativas locativas, actanciais, funcionais, essas não serão estudadas no presente trabalho.

#### *Anáforas não associativas*

Essas podem ser consideradas como aquelas que apresentam o sentido no “universo referencial semântico” do texto, porque não precisam ancorar um actante explícito na construção textual, porém fazem menção à fonte cotextualmente. Marcuschi (2001) argumenta que essas anáforas são os tipos que fazem inferências implícitas co(n)textualmente, porque se tratam de estratégias de inaugurações de novos elementos referenciais que diferem das reativações anafóricas.

Texto-10<sup>20</sup>: M’Pili na kasadu na es mis, ma, ke e bin dja na kasa pa papia ku djintis!<sup>21</sup>

Cavalcante (2002) argumenta que as anáforas não associativas são aquelas que só podem ser construídas implicitamente, porque há de ter ausência de uma fonte contextual

<sup>18</sup> Pesquisa dos autores.

<sup>19</sup> “-Companheira! Aonde vai./ -Vou ao Biombo./ Diga ao companheiro António que a leve (...)”

<sup>20</sup> Pesquisa dos autores.

<sup>21</sup> Casamento da M’Pili será neste mês, mas já vieram em casa para falar conosco!

pontualmente localizável. Por outro lado, Marcuschi (2001) argumenta que essa âncora (cognitivamente) é uma das expressões co(n)textuais. Por isso, pode se dizer que a expressão “*e*” faz uma âncora da expressão “kasadu”. Ademais, a expressão “*e*” inclui o noivo que deve ir à casa dos pais da noiva. Ainda pode se dizer que “*e*” é uma anaforizante do conceito do casamento (conhecimento cultural), ou seja, o conhecimento do mundo, especificamente, do contexto guineense. Portanto, podemos dizer que essa anáfora não é associativa, porque os léxicos não pertencem a uma classe associável.

Marcuschi (2001) apresenta seus três tipos fundamentais das anáforas indiretas, entre elas: primeiros, tipos semanticamente baseados (bases lexicais ou papéis temáticos inscritos no texto); segundos, tipos conceitualmente baseados (base em conhecimento do mundo/modelos cognitivos estabilizados); e tipos inferenciais (bases em inferências fundadas no texto/inferenciações textuais-práticas-culturais).

Os primeiros tipos “exigem estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos semânticos armazenados no léxico (...) e estão vinculados a papéis semânticos” (MARCUSCHI, 2001, p. 226). Esse primeiro tipo é da mesma categoria das anáforas indiretas apresentadas por Cavalcante (2002), como as anáforas indiretas associativas. Já os segundos tipos “exigem estratégias cognitivas fundadas em conhecimentos conceituais baseados em modelos mentais, conhecimentos de mundo e enciclopédicos (...) e mais ligados a processos inferenciais gerais” (MARCUSCHI, 2001, p. 226).

Os segundos têm as mesmas funcionalidades das anáforas indiretas não associativas que estão intimamente ligadas ao co(n)texto de mundo textual e do conhecimento do mundo. Por fim, os terceiros tipos são as mais inferenciais, embora os outros sejam frutos de alguma inferência. Todas essas anáforas estão presentes no guineense e são elementos que podem ser objetos das futuras pesquisas. De agora em diante, aborda-se as anáforas encapsuladoras.

## **7. Anáforas encapsuladoras**

Nesta parte, apresentamos anáfora encapsuladora que, por sua vez, é muito parecida da indireta. Contudo, possuem suas diferenciações. Sendo assim, entende-se que anáfora encapsuladora é a categoria que aparece, pela primeira vez, no cotexto como nova expressão, cujo uma das funções primordial encapsular/resumir/encaixar porções de (con/co)textos numa única expressão (CAVALCANTE, 2003; AQUINO e GONÇALVES-SEGUNDO, 2016; e KOCH, 2004). Também, entende-se que esse referente pode ser representado na mente das

peessoas sem se trazer indícios visíveis, isso por conta do conhecimento sociocultural-linguístico; fora essa condição, essa anáfora funciona, em certos casos, como retomada anafórica da continuidade da entidade textual já existente; sendo tanto um meio direto, quanto meio indireto ou híbrido. Tendo em conta o caráter do trabalho, os outros aspectos dessas anáforas serão versados num futuro trabalho.

**Si mortu ten di leban**

Si mortu tem	<i>avansu di no povu</i>	pa e tene <i>misiñu</i>
de leban	N misti odja	e tene <i>skola</i>
pa i pera n bokadiñu	<i>garasa mais bunitu</i>	pa no garandis
N misti mati	na rosto di mininus	ka muri di <i>fadiga</i>
sabura di no terá		N misti odja <b>tu</b> <i>du</i>
	Pa se bariga	kila ña djintis
N misti mati	ka orfa di <i>fomi</i>	antis di N muri. <sup>22</sup>

Tomando o texto acima, percebe-se que a expressão destacada em negrito é uma retomada encapsuladora do que a voz-poética espera de “sabura”. Assim, o eu-lírico encapsula algumas nomeações do que espera na expressão genérica “tudu”, isto é, espera-se que um dia haverá “avansu, garasa, skola...”. Tendo isso, a voz-poética inaugura alguns desejos esperados a um futuro melhor. Em seguida, encapsulou-os, incluindo outros desejos implicitamente, pois a expressão retomada aponta para estes, como um ESTADO-FUTURO, FATO-FUTURO, EVENTO-FUTURO e ATIVIDADE-FUTURA<sup>23</sup>. Deve-se trazer à mente que, tendo em vista o tamanho do trabalho, serão discutidas tais categorias num trabalho futuro.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho faz uma descrição linguística introdutória das anáforas nos processos referenciais da língua guineense, cujo objetivo descrever essas categorias gramaticais na língua guineense para garantir fontes de investigações e contribuições teóricas no meio científico. A vista disso, buscamos entender como se concretizam as anáforas no ato discursivo da língua guineense, assim como descrevemos essas materialidades linguísticas no guineense.

O estudo, em primeiro lugar, discutiu o conceito da referenciação e os subitens que a norteiam, no qual, tomamos a referenciação como uma atividade discursiva na constituição e reconstituição de objetos-de-discurso, sendo um aspecto amplo dos elementos designadores,

<sup>22</sup> “Se a morte tem que me levar/se a morte tem/ que me levar/ que me levar/ que ele espere só um pouquinho/ Eu quero participar/ das coisas boas de nossa terra/ eu quero ver/ o riso mais bonito que há/ no rosto das crianças/ que suas barrigas/ não inchem de fome/ que tenham remédios/ e escola/ que nossos anciãos/ não morram de cansaço/ eu quero ver tudo/ minha gente/ antes de morrer.” (Trecho da Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau por Hildo Honório Do Couto e Filomena Embaló (2011)).

<sup>23</sup> Categorias apontadas por Koch (2004) de seguintes formas: ESTADO, FATO, EVENTO e ATIVIDADE.



consequentemente, todos os mecanismos da progressão referencial são baseados em algum tipo da referenciação.

Em segundo lugar, a vista das discussões e descrições feitas, pretendemos contribuir para sociedade guineense no que tange a apresentação de um arcabouço descritivo dos elementos linguísticos, introduzindo esses fenômenos linguísticos que, possivelmente, serão ampliando a sua discussão numa futura investigação.

Em seguida, observamos que o guineense ainda carece das discussões e descrições linguísticas, desta maneira, discutimos e descrevemos os referentes textuais no guineense, possibilitando os pesquisadores e futuros pesquisadores nesta área um caminho rumo às análises textuais/linguísticas, pontuando as funcionalidades destes itens linguísticos. Desta maneira, vale pontuar que o guineense é uma língua falada por maioria da população guineense; destarte, presumimos que será oficializada um dia e dotada como língua de investigação científica, bem como a língua de ensino-aprendizagem no país. Pretendemos com esta pesquisa, portanto, contribuir para produções científicas e acadêmicas, dando norte para possíveis aprofundamento dos trabalhos nesta área das descrições linguísticas e responder as necessidades para promoção e sistematização dos fenômenos linguísticos no guineense.

## **REFERÊNCIA**

AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (Orgs.). **Estudos do discurso: caminhos e tendências**. São Paulo: Editora Paulistana, 2016. 185p.

CAVALCANTE, M. M.; FILHO, V. C.; BRITO, M. A. P.. **Coerência, Referenciação e Ensino**. 1ª. ed. São Paulo: Cortez, 2014, p.167.

\_\_\_\_\_. Teoria e análise linguística: anáforas indiretas e relações lexicais. **Revista do Gelne, Natal (RN)**, v. 4, n. 1, 2002.

\_\_\_\_\_. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 44, p. 105-118, 2003.

DO COUTO, Hildo Honório; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau. **PAPIA-Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 20, n. 1, p. 11-253, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Pontes, 2004, p. 190.

\_\_\_\_\_. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009, p. 216.

\_\_\_\_\_. **A coesão textual**. 20ª. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p.84.

KRUGER, Simone Lesnhak. **Anáforas indiretas e sua ancoragem a antecedentes implícitos**. 2003. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/24501>. Acesso em: 22/05/2022.

MARCONI, Marina de Andra; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, v. 56, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2013, 334p..

PRODANOV, Cleber Cristiano; D FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013; p. 276.

RODRIGUES, William Costa. Metodologia científica. **FAETEC/IST**. *Paracambi* (2007). Disponível em: [encurtador.com.br/eftKQ](http://encurtador.com.br/eftKQ). Acessado em: 22/05/2022.

SOCIEDADE BÍBLICA NA COTÊ D'IVOIRE (Org.). **Bíblia: Bíblia no Crioulo da Guiné-Bissau**. Abidjan: Cotê d'Ivoire, 1998.

Udju azul di Yonta (Olhos azuis de Yonta).[Filme]. Direção de Flora Gomes, Produção executiva de Paulo de Sousa. Bissau, Vermedia, com co-produção de Arco-Íris (Guiné-Bissau), Euro Creation Production (Paris), 1992. 1 vídeo (1h32min. e 52 segundos). Disponível em: <https://youtu.be/4XdQypZC3qs>. Acesso em: 15/02/2022.